

Alcides Goularti Filho e Alexandre Macchione Saes, *História de Empresas no Brasil*, Niterói e São Paulo, EDUFF e Hucitec, 2021, 448 páginas



Esta reseña está sujeta a una / Esta recensão está sujeita a uma [licencia “Creative Commons Reconocimiento-No Comercial” \(CC-BY-NC\)](#).

DOI: [10.24197/tst.49.2022.150-154](https://doi.org/10.24197/tst.49.2022.150-154)

Coube a mim a honrosa tarefa de elaborar uma resenha ao terceiro volume da coleção *Novos Estudos de História Econômica do Brasil*, que trata sobre a relevante temática da História de Empresas em nosso país sob múltiplos enfoques, organizado por Alcides Goularti Filho (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e Alexandre Macchione Saes (Universidade de São Paulo), dois pesquisadores em pujante atuação, em nível de excelência, no campo da historiografia econômica (e, não por acaso, dois ex-presidentes da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica).

A História de Empresas figura como área de interesse consagrada a um público amplo, e há cerca de trinta anos tem mobilizado a comunidade atuante na história econômica e áreas afins. É significativo que a Primeira Conferência de História de Empresas, que fora realizada em 1991 na Universidade Federal Fluminense sob a organização da saudosa Professora Maria Bárbara Levy, tenha precedido os congressos brasileiros de história econômica organizados pela Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, criada em 1993, e que desde então, tenham ocorrido simultaneamente.

Conforme destacado em prefácio assinado por Luiz Fernando Saraiva e Teresa Cristina de Novaes Marques, a “empresa, por constituir um aspecto da trama social que envolve o processo produtivo, representa uma unidade de compreensão da atividade econômica, no passado, para a qual convergem as relações capital-trabalho, as relações entre empresas e o sistema financeiro e a relação com os consumidores e seus produtos” (p. 9). Nestes termos, a investigação sobre determinada empresa constitui-se como objeto de totalidade, num constante movimento entre o específico e o universal, desvelando elementos da ação social e seus desdobramentos sobre processos de desenvolvimento econômico nacionais/multinacionais, que marcaram a história do capitalismo em qualquer periodização adotada. Assim, trata-se de área de investigação absolutamente relevante, na qual opera-se, como nas demais, com desafios, possibilidades e armadilhas.

Um dos desafios colocados à História de Empresas, e sempre destacado no *métier*, consiste na dificuldade de acesso às fontes documentais, muitas das vezes incompletas, não seriadas e esparsas, revelando a pouca preocupação com a memória por parte das organizações, ou melhor dizendo, desvelando o horizonte *curto prazista* que manejam nesta seara. É tácita e perene a tensão que circunda o ambiente corporativo neste quesito (ver o capítulo escrito por Flávia Borges Pereira e Silvana Goulart, presente à coletânea), e poucas são as exceções que esbanjam atenção à imagem institucional (o que inclui a construção da memória), e não por acaso este aspecto já fora descrito por Eulália Maria Lahmeyer Lobo (1924-2011)<sup>1</sup>, em conferência proferida no congresso inaugural em 1991. Resta ao historiador, em seu ofício, a busca por evidências outras, tais como processos judiciais, propagandas, balanços, fotografias, projetos, entrevistas estruturadas ou semiestruturadas, arquitetura e outros testemunhos. Não é fácil realizar pesquisas sobre a história de empresas, o que me leva a direcionar um olhar de admiração aos capítulos constantes dessa coletânea.

O caminho é também marcado por armadilhas. Uma delas, talvez a principal, seja a de impingir ao pesquisador a produção de uma mera homenagem, à qual muitas vezes se condiciona o acesso às fontes. Incautos confundem a História de Empresas com o enaltecimento do empresário e a valorização de seu caráter empreendedor, inovador, trabalhador, dedicado, pontual, familiar, às vezes com humorísticas pitadas de excentricidades, como naquele tipo de história marcado por datas, nomes e *grandes heróis*. Contudo, os estudos aqui presentes driblaram tal armadilha, por meio do compromisso ético com a profissão e consistente matriz teórico-metodológica, explicitando o amadurecimento do campo, transitando entre a Economia Política, as teorias do desenvolvimento econômico, a Nova Economia Institucional e a Microeconomia.

Como possibilidade, lançando luz sobre a problemática contemporaneidade brasileira, a história de empresas reúne o condão de elucidar as marchas e contramarchas do processo de (des)industrialização nacional. Diversas trajetórias empresariais são pródigas em revelar contextos mais amplos, de determinado governo, política, ou etapa capitalista, e seus re-

---

<sup>1</sup> Conforme destacado no prefácio elaborado por Saraiva e Marques: “Maria Bárbara Levy (1942-1992) e Eulália Maria Lahmeyer Lobo (1924-2011) foram duas importantes historadoras econômicas e de empresas; cada uma, a sua maneira, deixaram contribuições essenciais para as duas áreas. Mais informações sobre a vida e obra dessas autoras, ver: <http://www.abphe.org.br/homenagens>”.

batimentos ao nível estratégico, tático e operacional das empresas desarmando, assim, a armadilha *egotrip* acima identificada: por mais que a bravura e os feitos individuais sejam destacados em determinado tipo de literatura, dificilmente os grandes *cases* de sucesso e prosperidade são unicamente por aí explicados e reconstituídos. É necessário aproximar a História de empresas da Política! Dificilmente conseguiríamos explicar a IBM (Black, 2001) do período entre-guerras e na II Guerra Mundial sem o Holocausto, ou a Apple (e seu maravilhoso iPhone) sem o sistema nacional de inovação dos EUA, o Estado e os Militares, embora Steve Jobs seja sempre retratado com uma capacidade individual revolucionária (Mazzucato, 2014), uma espécie de *guru naïf* da cultura do empreendedorismo-narcísico. É claro, há também exemplares tupiniquins numa perene história de favorecimento, desonerações, sonegação, pesado *lobby*, de proclamado *monopólio das virtudes* e, pasmem, invisibilidade (Campos, 2013).

Justamente para se afastar dessa armadilha, o volume conta com sólida fundamentação teórico-metodológica identificando a História de Empresas como área de pesquisa, noutros termos, como campo de estudo cientificamente conduzido (autonomização da área), aproximando-se das chamadas teorias de *Business History* e *Business Group*, desenvolvidas nos Estados Unidos da América e na Europa, e da própria economia institucional. Nas palavras dos organizadores: “A apropriação do aporte teórico internacional permite a comparação de trajetórias das empresas nacionais com a das empresas estrangeiras; ou inclusive, a análise das diferentes estratégias de expansão das empresas e dos recursos empresariais usados para a superação dos desafios de cada conjuntura”. Deve-se, contudo, estabelecer o devido balanceamento entre o particular e o geral, entre o específico e o universal, de modo a garantir a reconstituição de especificidades históricas, particularmente aquelas caracterizadas pela dependência e pelo subdesenvolvimento. Neste grupo de preocupações localiza-se a Parte I da coletânea, com artigos assinados por Flávio Azevedo Marques de Saes, Alexandre Macchione Saes, Caroline Gonçalves, Armando Dalla Costa, Angelo Brião Zanela, Guilherme Grandi, Flávia Borges Pereira e Silvana Goulart.

Fica o convite à leitura desta abrangente obra. Se por um lado evidencia os limites e desafios colocados às pesquisas de História de Empresas no Brasil, por outro, elucida seu potencial, como veículo de percepção da dura realidade de dependência e de subdesenvolvimento de nosso país no cenário internacional. Este campo de pesquisa coloca diversas armadilhas

ao artífice da história, algumas de natureza ética, outras de natureza teórico-metodológica, ao nível dos problemas, das abordagens e das fontes documentais. Contudo, penso que os dezessete autores que aqui performaram, cada qual à sua maneira, reuniram as virtudes necessárias para fazer avançar o conhecimento.

Como exemplo, o mestre Flávio Saes, num dos capítulos da coletânea, alerta para os riscos da chamada História Empresarial e da própria História de Empresas, estabelecendo as suas diferenças. Em citação a Carlos Mari-chal, corrobora o autor que “a primeira concentra sua atenção na análise histórica do desempenho e do efeito de certos empresários inovadores e individuais, ou certos grupos de empresários de vanguarda; enquanto, em contraste, a História de Empresas ou *Business History* presta especial atenção à análise das mudanças na organização econômica das companhias ou corporações, mudanças que são parte e reflexo das transformações econômicas e sociais em seu conjunto”. Tal diferenciação, segundo Saes, é importante para se mitigar possíveis vieses apologéticos à área sempre presentes e instigados por entes financiadores e pelo próprio ramo editorial. Ademais, capítulo versa sobre a influência de Alfred Chandler sobre a área (o paradigma da grande empresa americana – o *big business*) e as mediações necessárias à sua aderência à história econômica do Brasil, apontando certa insatisfação com os rumos dessa modalidade de história, que, muitas vezes ao buscar certa especialização, e por que não dizer, um estatuto, incide em restrições ao nível do método numa realidade como a brasileira.

Em tempo, destaca-se que o livro ora apresentado é um tributo a uma geração de pesquisadores que figurou nos congressos da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica na década de 1990, cujas contribuições foram sedimentadas em *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*, livro organizado por Tamás Szmrecsányi e Ricardo Maranhão, em 1997, no âmbito da coleção *Estudos de História Econômica*. Tal obra influenciou toda uma geração de jovens pesquisadores, muitos dos quais figuram hoje como autores.

## BIBLIOGRAFIA

Black, Edwin, 2001. *A IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*. Campus, Rio de Janeiro.

Campos, Pedro Henrique Pedreira, 2013. *Estranhas Catedrais. As empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988*. EDUFF, Rio de Janeiro.

Mazzucato, Mariana, 2014. *O Estado Empreendedor: desbravando o mito do setor público vs setor privado*. Portfolio-Penguin, São Paulo.

ROGÉRIO NAQUES FALEIROS  
Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[rogerionaques@yahoo.com.br](mailto:rogerionaques@yahoo.com.br)